



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

A propagação da paz: um constante desafio às religiões

The spread of peace: a constant challenge to religions

Elisângela de Carvalho Franco*

Resenha de: KÜNG, Hans. *Uma ética global para a política e a economia mundiais*. Petrópolis: Vozes, 1999. 475p.

Atualmente, tem-se notado que a maior parte dos conflitos entre as civilizações tem sido gerada por questões ou fatores religiosos, disseminando na perturbação do *ethos* mundial e, conseqüentemente, na paz no mundo. Esta constatação se dá em razão de vários acontecimentos ocorridos por conflitos religiosos. Mas, o que as religiões têm feito para mudar este triste paradigma que se observa na contemporaneidade dos novos tempos?

O que é perceptível na obra de Hans Küng, *Uma ética global para a política e a economia mundiais*, traduzida por Carlos Almeida Pereira e publicada pela Editora Vozes em 1999, é a sua relevante observação, quando menciona que em nome da religião pode-se cometer várias atrocidades, até inspirar e legitimar a guerra entre os povos e o ódio entre as religiões, culminado por “ideais” próprios de cada religião ou por más interpretações dos ensinamentos bíblicos.

Küng destaca dois aspectos na extenuante questão entre buscar-se a paz ou externar o choque entre as civilizações. Assim, propõem duas marchas: uma que segue a política mundial, partindo de propulsões idealistas modernas; e, a outra, que vai da problemática objetiva da política mundial, partindo de eixos significativos que buscam o *ethos* mundial.

[Texto recebido em 31/10/2015 e aceito em 28/08/2016, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc].

* Elisângela de Carvalho Franco. Mestranda em Teologia pela Escola Superior de Teologia. Integrante Pesquisadora do GET na linha de pesquisa Educação, Ciência e Tecnologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO). Pedagoga e Orientadora Educacional do *Campus* Ariquemes. E-mail: elisangela.franco@ifro.edu.br

Na dimensão dos conflitos de política mundial, é fundamental destacar a responsabilidade global que cada um, seja dos países e das pessoas, tem na busca pela paz entre as religiões. Segundo Küng, “sem paz entre as religiões não haverá paz no mundo”.¹ A partir deste eixo vai chegar a um ponto que as guerras deixarão de ser por motivos religiosos e passarão, futuramente, a ser de civilizações, destacado por Huntington.²

Nota-se que a religião tem sido identificada como a força propulsora que move as ações e as convicções dos homens. Capaz de levá-los a dar a própria vida em nome desta fé. A ciência política começou a perceber que isso tem ocasionado numa multipolaridade global, onde desta fazem parte a multiculturalidade e a multirreligiosidade. Outros fatores perturbantes são os de causas políticas culturais e religiosas. Pois por trás do conflito político externo há os interesses de poder econômico, político e militar. Visto que podem estar ocultas as diferenças e rivalidades étnico-religiosas.

Na proposta do *ethos* mundial, Küng diz que “o futuro da paz e da civilização depende de que os líderes políticos e intelectuais das grandes culturas mundiais se entendam mutuamente e cooperem uns com os outros”.³ Ou seja, a essência de cooperação está em obter um diálogo mútuo entre as grandes potências mundiais através de seus líderes políticos e intelectuais. Visão semelhante à do teólogo Boff,⁴ que diz que o ser humano é um ser dialógico e que os fundamentos das relações estão pautados no estabelecimento do cuidado.

Outra questão que segue esse contexto é a separação entre Igreja e Estado, o que acarreta numa dimensão de conflito entre estes dois eixos. Pois há situações que precisam ser consideradas política e religiosamente. Percebe-se a necessidade de eficiência política de interesses, mas, com ética. E que o pacifismo absoluto é uma irresponsabilidade, se a paz não for trabalhada com ética. De acordo com Küng, o importante é trabalhar uma ética voltada à responsabilidade que leve em conta todas as consequências, fundamentada numa ética do cuidado, com o ser humano e, conseqüentemente, com a Terra.

Mas o que mantém uma sociedade unida? Esta é uma indagação que tanto o Estado quanto a Religião vem se fazendo há séculos acerca do que se pode fazer para aproximar os povos em todo o mundo. Contudo, o autor frisa que a religião também separa as sociedades. Isso é percebido no fundamentalismo religioso, extremamente violento e sangrento, também tratado por radicalismo. Ainda há a questão do moralismo rigoroso, amplamente divulgado na variante do *Opus Dei*, que preza a cultura da vida e da morte.

¹ KÜNG, Hans. *Uma ética global para a política e a economia mundiais*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 205.

² HUNTINGTON *apud* KÜNG, 1999, p. 205.

³ KÜNG, 1999, p. 212.

⁴ BOFF, Leonardo. *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Brasília: Letraviva, 2000.

Logo, o que pode manter uma sociedade unida, nas palavras de Küng, seria o estabelecimento de um *ethos* vinculante, com um consenso básico sobre valores comuns, sobre normas e atitudes que inclua a autorrealização autônoma e a responsabilidade solidária.⁵ Ou seja, que possa ser vislumbrado um *ethos* libertador, vinculante, tolerante e mundial. E o melhor, é uma religião que obriga o homem a ser mais humano e aberto para a dimensão do transcendente, do religioso, no intuito de se vislumbrar um *ethos* humanizado e transcendente entre as religiões.

Com o estabelecimento de um elo de confiança entre as religiões e havendo motivação, isso poderá contribuir para a paz interna e individual, como também, superar as agressões e a violência na sociedade. Enfim, o ideal é aproximar as religiões da Declaração Universal dos Direitos Humanos, buscando fundamentar as próprias tradições e pondo-as em prática. Onde cada um tenha o livre exercício da escolha da religião,⁶ na busca do diálogo entre as minorias religiosas com vista à confiança.

Portanto, a paz mundial pode ser entendida por meio de um *ethos* total, isto é, um *ethos* que humaniza as pessoas a compreender uns aos outros, a respeitar as opiniões, a permitir o livre arbítrio de seguir ou não esta ou aquela religião. Visto que todas têm um intuito, que é o de expor os ensinamentos de um ser supremo e, portanto, amando uns aos outros sem distinção.

O princípio do diálogo deve ser mantido, como também, o da compreensão e o da tolerância, na busca pela paz e no respeito dos credos, das opiniões e dos valores que cada religião se propõe, onde as pessoas (fiéis) irão ou não seguir. Pois a religião não deve ser algo imposto ou que cause mal-estar ou frustrações entre os povos, conseqüentemente, levando-os à destruição entre as pessoas. Nisso há de se considerar os princípios bíblicos, que ressaltam o amor ao próximo, independente de cada cultura, país ou de seguimento religioso. Todos os seres têm o direito de ter respeitada a sua cidadania e de expressar os próprios argumentos diferentes dos demais. Isso é crescimento, amadurecimento interno das pessoas, em prol das relações interpessoais e do cuidado, refletindo nas ações e transformando as religiões.

Enfim, as religiões contribuem na expansão do *ethos* tolerante e mundial, não tendo superioridade entre uma e a outra. Mas no bem-estar de todos os seres e destes com o transcendente. Que embora possa ser designado através de vários nomes, é único. E ama a todos, nas mais diferentes línguas, ações e com um amor universal.

Portanto, apesar de extensa, a obra de Hans Küng é bastante proveitosa, trazendo contribuições para as áreas de humanas – Filosofia, Sociologia, História, Teologia – fundamentando estudos de pesquisadores, estudantes e adeptos nesta temática, que, apesar de complexa, é também curiosa e reflexiva no contexto atual. O autor aborda com

⁵ KÜNG, 1999, p. 250.

⁶ KÜNG, 1999, p. 266.

bastante maestria a questão da paz como um desafio às religiões, tratando do tema com certa delicadeza e, às vezes, com apontamentos de detalhes, até um tanto pessoal. Mas, levando o leitor a pensar que todos têm a responsabilidade de agir para a qualidade de vida, no bem-estar social e, principalmente, praticar ações humanizadoras. A paz no mundo está no estabelecimento das ações humanas, ou seja, com o cuidado com o próximo, no pensar antes de agir, no praticar o bem sem olhar a quem. Independente, de cultura, de pessoa, de raça, de credo, mas, simplesmente, o de se pôr no lugar do outro. São esses fundamentos que constam em todas as religiões, porém, por questões pequenas, fúteis são esquecidas no dia a dia e a paz se perde. Enfim, a obra demonstra a força através da cooperação mútua entre as grandes potências políticas e intelectuais das grandes culturas mundiais.

Referências

BOFF, Leonardo. *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Brasília: Letraviva, 2000.

KÜNG, Hans. *Uma ética global para a política e a economia mundiais*. Petrópolis: Vozes, 1999.